

# VOCÊ JÁ FOI A SALVADOR? ENTÃO VOLTE!

Salvador é uma daquelas cidades que não se esgotam. A cada retorno, sempre há algo a ser descoberto, como mostra a arquiteta e paisagista Arilda Cardoso

Michel Gorski  
Fotos Rosa Grena Kliass

Quem viaja sonha em contar com a ajuda de um amigo local para descobrir os segredos do lugar. Aqueles que não se revelam nos cartões-postais, nem estão listados nos guias turísticos. São detalhes, endereços, histórias que só quem tem intimidade e carinho pelo espaço é capaz de descobrir e registrar. Se o destino for Salvador, uma amiga como a arquiteta e paisagista baiana Arilda Cardoso pode fazer da visita uma experiência mágica.

Apesar de crítica contundente do crescimento desordenado da cidade, dos rasgos na paisagem para a passagem dos veículos particulares e da destruição dos casarões para a frenética verticalização, Arilda mantém-se como uma espécie de guia apaixonada por sua cidade. Consegue, com emoção, revelar belezas ocultas e sensações prazerosas nas mais diversas situações. Afinal quem ama sua cidade pode até criticá-la para os de dentro, mas a elogia para os de fora.

Toda cidade tem peculiaridades que carecem de indicações para serem enxergadas. Quem, por exemplo, descobriria sozinho os encantos das grades artísticas que cercam as praças da cidade? Ou atentaria para a manifestação de sincretismo religioso de um batizado evangélico na Lagoa do Abaeté?

“No começo dos anos 90, Salvador foi premiada com uma significativa obra de restauração no seu centro histórico”, conta Arilda. “Foram restaurados todos os quarteirões com mais de 100 sobrados compreendidos entre a Praça do Terreiro, o Cruzeiro de São Francisco e o Largo do Pelourinho.” Segundo a arquiteta, a iniciativa foi um grande presente: “Especialmente para quem conheceu aquela riqueza ainda sobrevivente e constatava, a cada fim de inverno, as crescentes baixas dos sobrados que haviam desabado”, comenta.

A ligação da arquiteta com a paisagem turística de Salvador estreitou-se nos últimos anos ao trabalhar na criação do hotel Catharina Paraguaçu, instalado em um antigo casarão no Rio Vermelho, e evoluiu recentemente com a execução do projeto de recuperação da Praça 2 de Julho, conhecida como Campo Grande.

Em plena onda dos resorts – e eles são muitos no litoral baiano –, é difícil imaginar alguém vir para a região, ficar uma semana só ao nível do mar e não passar um dia, pelo menos, em Salvador, subindo e descendo ladeiras, olhando a cidade, a baía e o mar. Para descobrir outros segredos, é só seguir as dicas do “Arildatour”, roteiro de um dia preparado por Arilda Cardoso, que, aliás, é baiana de Conceição da Feira, cidade a 120 quilômetros da capital.



### Um dia perfeito, por Arilda Cardoso

Ao amanhecer, da janela do sótão do hotel Catharina Paraguaçu, no Rio Vermelho, os pescadores a postos nas suas embarcações, em frente à imagem de Iemanjá, sinalizam que é hora do café da manhã, que será servido na sala toda decorada com cerâmica popular de Maragogipinho.

Para começar o dia, uma volta no dique do Tororó e depois pela baixa dos Sapateiros. Vale dar uma paradinha na loja



A ajuda de um morador é essencial para enxergar detalhes que passariam despercebidos, como um batismo evangélico na Lagoa do Abaeté ou as grades artísticas no entorno das praças

Axé, onde todos se deslumbram com a variedade de tecidos apropriados para os rituais religiosos e blocos de carnaval. Depois, é subir a ladeira da igreja de Santana, passar em frente ao convento de Joana Angélica e pela Praça da Piedade e seguir para a Avenida do Contorno, de onde se descortina uma belíssima vista para a Baía de Todos os Santos.

Logo chega-se à igreja da Conceição da Praia, e vamos entrar para conhecê-la. Depois percorrer as ruas e travessas da zona do comércio da Cidade Baixa, onde se contempla a beleza dos imponentes sobrados, memória da importância econômica do porto de Salvador até a primeira metade do século 20. Vamos passar pela feira de São Joaquim, que tem de tudo para se cozinhar na Bahia.

O final da manhã passaremos na península de Itapagipe. No alto da península está a Igreja do Bonfim. Vamos subir, passar por sua frente e comprar uma fita para amarrar no pulso enquanto pedimos a realização de um desejo.

Por entre os antigos casarões, nos aproximamos de uma outra ladeira para a descida. Mas é impossível não parar no meio do caminho para sentar-se à mesa de um avarandado debruçado sobre a encosta, tomar uma cerveja acompanhada de caranguejo, olhando para o mar azul que está lá em baixo.

O almoço será no porto dos Tainheiros, sob árvores frondosas, ao lado da praia. No cardápio, comidas baianas, saborosas e a preços populares: peixe, camarão, lagosta, ostra, siri-mole, siri catado, de moqueca, de ensopado, frito e assado. E também farofa e pirão de azeite, caruru, vatapá e feijão de leite.

A sobremesa fica mais adiante, na Sorveteria da Ribeira – a mais famosa da Bahia, com sorvetes de umbu, cajá, manga, jaca, graviola, pinha, milho verde, abacaxi, coco, baunilha, entre outros.

É hora de caminhar um pouquinho e sentar lá adiante, à sombra de um flamboyant florido, bem em frente do palacete Amado Bahia, um belo exemplar da arquitetura do ferro. O

## ● ● turista na sua cidade

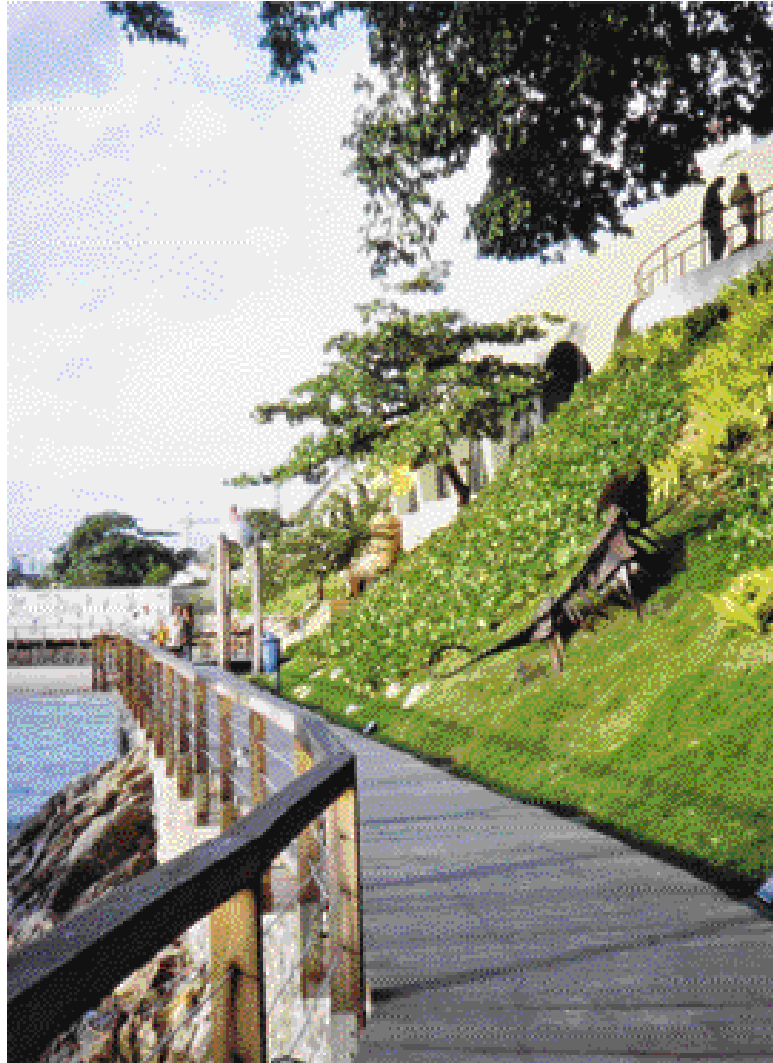
canal que passa atrás era bem mais longo e aos poucos foi sendo aterrado, dando lugar ao bairro dos Alagados, a mais antiga invasão de Salvador, datada do final dos anos 1940.

Para mostrar a Praça do Campo Grande, vamos encontrar com Dange, minha irmã e também arquiteta. Juntas realizamos o projeto de recuperação da praça. Foi um trabalho de restauração e renovação do espaço inaugurado no final do século 19 e que ganhou de presente um monumento oferecido pelo governo italiano. Observem os repxos das fontes e o gradil.

Às quatro da tarde, é hora de conhecer a Perini, de seu Pepe, o espanhol. É o palácio encantado das guloseimas. A gente fica enlouquecida diante da variedade de doces, pães, tortas, salgados, vinhos, frutas frescas e cristalizadas, verduras, chocolates, acarajé, abará e até acaçá, iguaria resgatada da culinária baiana, desconhecida pelas novas gerações. Se dermos sorte, vamos encontrar pratos cheios de pedacinhos de guloseimas para os clientes experimentarem.

No final da tarde, é fundamental escolher um lugar para ver o pôr-do-sol. Pode ser no Largo de Santanna, no Rio Vermelho, sentado numa daquelas mesinhas da praça, bebendo uma água-de-coco ou uma cerveja, enquanto se saboreiam os famosos acarajés de Dinha. Se quiserem ver a moçada baiana correndo (há quem não acredite!), é fácil: há uma academia de ginástica instalada num imponente e restaurado sobrado azul, do século 19, bem em frente à praça.

Para encerrar o dia, jantar no Paraíso Tropical, que



A recuperação ambiental do entorno do Solar do Unhão, antiga residência do século 17, permitiu a criação de um novo espaço cultural na cidade, o Parque das Esculturas

funciona em uma chácara num bairro distante, Cabula. Nada menos que um templo da culinária baiana, onde o chef Beto Pimentel faz experimentações gastronômicas e sucos maravilhosos, com produtos cultivados em pomar e horta próprios. ●

## São Salvador, Bahia de São Salvador

**A**s cidades brasileiras são temas recorrentes na música popular brasileira. Mas só o Rio de Janeiro rivaliza com Salvador em quantidade e qualidade das trilhas sonoras que realçam suas peculiaridades.

Quem não desejaria andar por Salvador, calmamente, com Dorival Caymmi? O compositor baiano – atualmente morando no Rio – revelou os mistérios da cultura e tradições locais para várias gerações, num roteiro musical em que Salvador e Bahia se mesclam na “Bahia de São Salvador, do nosso Senhor do Bonfim”.

Caymmi, “o gênio da raça”, segundo João Gilberto, levou muita gente para conhecer os mistérios soteropolitanos, muito antes da festa do tropicalismo, quando os

dias mais importantes da cidade eram os de Iemanjá e do Senhor do Bonfim, além do 2 de Julho, a celebração local da Independência do Brasil.

Com suas canções aprendemos que se navega em jangadas e saveiros; que se carregam os produtos na feira em balaio, cesto e samburá; e para comer lá tem vatapá, tem acarajé, tem abará, tem caruru e tem mungunzá.

Foi com Dorival que soubemos que a Bahia tem 365 igrejas; que no Abaeté tem uma lagoa escura, arrodada de areia branca; que quem não tem balangandãs não vai ao Bonfim; que conhecemos a morena de Itapoã e, principalmente, que “não há sonho mais lindo do que sua terra, não há”.